

3 Método da pesquisa

Este capítulo tem como objetivo apresentar o método para realizar o estudo. Será apresentada a linha epistemológica da pesquisa e o tipo de investigação adotado, bem como suas vantagens e desvantagens, os métodos de coleta e tratamento dos dados e as limitações do método.

3.1. Tipo de pesquisa

De acordo com as características do presente estudo, utilizou-se como abordagem a pesquisa qualitativa, envolvendo questões e procedimentos que emergem no ambiente da empresa estudada. Embora as concepções filosóficas permaneçam em grande parte ocultas na pesquisa (SLIFE; WILLIAMS, 1995), entende-se que a concepção influencia e deve ser identificada para compreensão das ideias filosóficas abrangentes adotadas e esclarece a escolha pela abordagem qualitativa.

Neste estudo a abordagem mais adequada em relação à escolha do método e da respectiva técnica foi a indutiva, pois privilegiou formas de raciocínio e argumentação de forma a orientar a reflexão e não apenas a produção de pensamentos. Ao se utilizar argumentos indutivos tem-se como objetivo levar a conclusões muito mais amplas do que as premissas. Bervianet *al* (2007) destacam que, mesmo não podendo garantir que a conclusão de um argumento indutivo seja verdadeira, quando as premissas o são, pode-se afirmar que as premissas de um argumento indutivo correto sustentam verossimilhança à sua conclusão.

Primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórica e para levantar as variáveis ou fenômenos cabíveis no roteiro das entrevistas. Em relação aos objetivos mais gerais, o estudo envolveu uma pesquisa exploratória, visando à definição dos objetivos e à busca de mais informações sobre os assuntos abordados. Com isso foi possível maior familiarização com o tema, a adequação de percepções e a descoberta de novas

oportunidades. Ainda, a pesquisa descritiva buscou descobrir, com mais precisão, a utilização do geomarketing por parte de gestores e suas características. Levaram-se em consideração diversas situações ocorridas no ambiente da organização. A pesquisa descritiva do estudo assumiu a forma de estudo de caso, que será exposto no próximo tópico do capítulo.

3.2. Método da pesquisa

A utilização do estudo de caso, como método de pesquisa, é um dos empreendimentos mais desafiadores das ciências sociais. Requer primeiramente uma revisão minuciosa da literatura e com a cuidadosa proposição do objetivo da pesquisa. Fundamental também é reconhecer os pontos fortes e as limitações da pesquisa de estudo de caso. A justificativa para a utilização do estudo de caso como método da pesquisa para o presente estudo tomou como referência a utilização do método nas disciplinas de Administração e Marketing (BONOMA, 1985; GHOURI, GRONHAUG, 2002; GRAEBNER & EISENHARDT, 2004).

Segundo Yin (2009), o estudo de caso conta com muitas das mesmas técnicas usadas na pesquisa histórica, mas adiciona duas fontes de evidência geralmente não incluídas no repertório do pesquisador: observação direta dos eventos sendo estudados e entrevistas das pessoas envolvidas nos eventos.

Yin (2009) ressalta que as definições mais frequentemente encontradas de estudos de caso têm repetido meramente os tipos de tópicos aos quais os estudos de caso têm sido aplicados. Por exemplo, nas palavras de um observador:

A essência de um estudo de caso, a tendência central entre todos os tipos de estudo de caso, é que ele tenta iluminar uma decisão ou um conjunto de decisões: por que elas são tomadas, como elas são implementadas e com que resultado. (SCHRAMM, 1971).

O estudo de caso é utilizado quando se deseja entender um fenômeno da vida real em profundidade, mas esse entendimento engloba importantes condições contextuais, pois são altamente pertinentes ao fenômeno do estudo (YIN, DAVIES, 2007).

Lincoln e Guba (1985) ressaltam que, embora a literatura esteja repleta de referências a estudos de caso, há pouca concordância acerca do que é realmente estudo de caso.

No Merriam Webster's Online Dictionary (2008), encontra-se identificação do uso da expressão já em 1875, que define estudo de caso como uma análise intensiva de uma atividade individual (como uma pessoa ou uma comunidade) enfatizando fatores de desenvolvimento em relação ao ambiente.

Segundo Gil (2009), sua origem é bastante remota e se relaciona com o método introduzido por C.C.Laugdell (1926) no ensino jurídico nos Estados Unidos. Sua difusão, entretanto, está ligada à prática psicoterapêutica caracterizada pela reconstrução da história do indivíduo, bem como ao trabalho dos assistentes sociais junto a indivíduos, grupos e comunidades. Atualmente, é adotado na investigação de fenômenos das mais diversas áreas do conhecimento, podendo ser visto como caso clínico, técnica psicoterápica, metodologia didática ou modalidade de pesquisa.

Assim como há diferentes posicionamentos que relatam as origens do estudo de caso, para a apresentação do seu significado como modalidade de pesquisa, há na literatura mundial contemporânea a contribuição de muitos autores, com posições diversas, entre os quais se destacam: Goode e Hatt (1979); Yin (2009); Stake (2000), Lüdke (1986) e Eisenhardt (1989).

Para Goode e Hatt (1979), identificar o estudo de caso como uma técnica particular de obter dados é um modo de organizar os dados em termos de uma determinada unidade escolhida, como a história de vida de um indivíduo, a história de um grupo, ou um processo social determinado.

Na posição de Lüdke *et al* (1986), o estudo de caso como estratégia de pesquisa é o estudo de um caso, simples e específico, ou complexo e abstrato, e deve ser sempre bem delimitado.

Segundo Eisenhardt (1989), o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa pela qual se compreende a dinâmica de um fenômeno a partir de sua singularidade. Esta singularidade pode ser apreendida pela observação de um caso único, ou de um conjunto de casos, que permitam a observação profunda do fenômeno em suas diversas dimensões, e essa apreensão pode se dar por meio de várias técnicas de coleta e fontes de dados.

No entendimento de Stake (2000), o estudo de caso caracteriza-se pelo interesse em casos individuais e não pelos métodos de investigação que pode abranger. Chama a atenção para o fato de que nem tudo pode ser considerado um caso, pois um caso é uma unidade específica, um sistema delimitado cujas partes são integradas. O mesmo autor define-o como o estudo da particularidade e da complexidade de um simples caso.

Segundo Yin (2009), o estudo de caso representa uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Dentre as vantagens do método, de acordo com Gil (2009), em comparação a outros delineamentos de pesquisa, pode se destacar a possibilidade de estudar um caso em profundidade, considerando suas inúmeras dimensões e a ênfase no contexto em que ocorrem os fenômenos, não sendo possível separar o contexto do fenômeno, e porque nem sempre os limites estão claramente definidos. Favorecem a construções de hipóteses, estimulam o desenvolvimento de outras pesquisas, permitem investigar o caso sob a perspectiva dos grupos ou das organizações, podem ser aplicados sob diferentes enfoques teóricos e metodológicos e são flexíveis. Embora as técnicas mais adotadas sejam a observação, a entrevista e a análise documental, os estudos de caso podem valer-se do uso concomitante de múltiplas técnicas, cuja aplicação pode dar-se de forma diferenciada ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

De acordo com as posições dos autores apresentados, o estudo de caso pode ser entendido como uma metodologia ou como a escolha de um objeto definido pelo interesse em casos individuais. O objetivo primordial é a investigação de um caso específico, muito bem delimitado, contextualizado, em lugar e tempo, visando à busca circunstanciada de informações.

3.2.1.

Justificativa para escolha do estudo de caso único

Quando se considera a quantidade de estudos de caso, pode se classificar em estudos de caso único ou estudos de casos múltiplos. O estudo de caso único refere-se a um indivíduo, um grupo, um fenômeno, uma organização. Yin (2009) considera algumas situações que justifiquem a escolha do estudo de caso único. A escolha da modalidade de estudo de caso único no presente estudo é justificada

pelo estudo de caso típico ou representativo; o objetivo é captar as circunstâncias e as condições de uma situação comum. Representa um projeto típico, uma empresa que necessita realizar a expansão de seu negócio e utiliza a tecnologia, representada pela ferramenta do Geomarketing, para analisar as possibilidades existentes. O propósito, segundo Gil (2009), é explorar ou descrever um projeto, uma técnica ou um fenômeno que em função de informação prévia, pareça ser a melhor expressão do tipo ideal da categoria. Trata-se de um delineamento bastante coerente com a teoria dos tipos ideais de Max Weber¹.

Stake (2005) combina os critérios de finalidade e de números de casos. Os estudos são classificados com: intrínsecos, instrumentais e coletivos. O presente estudo se enquadra no estudo de caso intrínseco, pois o pesquisador estuda o caso em virtude do seu interesse em conhecer melhor o processo, os resultados e a empresa estudada com o propósito intrínseco e não porque é representativa de outros casos ou ilustra um problema específico.

Para um entendimento sobre a importância dos estudos de caso e estudo de caso único, temos segundo Yin (2005):

A clara necessidade pelos estudos de caso surge do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos. Em resumo, o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real – tais como ciclo de vida individual, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de setores econômicos. [...] fundamento lógico para selecionar um projeto de caso único. Vale a pena, portanto, conduzir um estudo de caso porque a informação descritiva por si só é reveladora. (YIN, 2005).

3.2.2. Unidade de análise

Conforme Gil (2009), em sua concepção clássica, a “unidade caso” refere-se a um indivíduo em um contexto definido. Entretanto, ao longo do tempo, o conceito de “unidade caso” ampliou-se de forma a incluir um grupo de objetos a serem estudados, seja o de uma família, de um conjunto de relações, de uma comunidade, de uma nação ou de uma organização.

¹ Weber (2003) propõe como instrumentos os tipos ideais, que são construções intelectuais utilizadas para captar as características essenciais do objeto de investigação.

O objeto do estudo de caso aqui proposto é uma empresa de varejo brasileira, atuante no mercado de moda feminina. Tal escolha justifica-se pelo grau de maturidade que empresa apresenta em seu processo de expansão e devido à utilização do geomarketing como suporte e apoio à tomada de decisão.

De acordo com Stake (2000), o estudo de caso em questão pode ser classificado como intrínseco, pois constitui o próprio objeto da pesquisa.

3.3. Coleta e tratamento dos dados

Toda pesquisa, em especial a descritiva, deve ser bem planejada para alcançar resultados úteis e fidedignos. Este planejamento envolve também a coleta de dados, que corresponde a uma fase intermediária da pesquisa descritiva (CERVO *et al.* 2006). Portanto, tanto o levantamento e a coleta de dados secundários, quanto de dados primários do estudo, visam contribuir com informações que favoreçam a obtenção da resposta do problema pesquisado.

Em relação à coleta de dados primária, recorreu-se a um tipo de modalidade básica de pesquisa: a qualitativa, exatamente por se ter acesso às informações via entrevistas de profundidade ou de pauta, por meio de um roteiro de entrevista. Faz-se necessário explicar que os dados primários coletados em campo, decorrentes de entrevistas pessoais, apesar das características quantitativas que possuem, não podem aqui serem assim definidos. O motivo é o pequeno número de pessoas que responderam a entrevista.

Grande parte dos tipos de pesquisa prevê a utilização de uma técnica básica para a coleta de dados. Os estudos de caso, por sua vez, requerem a utilização de múltiplas técnicas de coleta de dados. Isto garante o aprofundamento necessário ao estudo e a inserção do caso em seu contexto, bem como confere maior credibilidade aos resultados. De acordo com Yin (2009), a existência de dados obtidos mediante procedimentos diversos torna possível a triangulação, que constitui um dos procedimentos mais indicados para obter a corroboração do fato ou fenômeno.

A triangulação consiste em confrontar a informação obtida por uma fonte com outras, com vistas a corroborar os resultados da pesquisa. A triangulação está na essência dos estudos de caso. Yin (2005) define este tipo de pesquisa como uma investigação que “baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo.”. Quando numa pesquisa são obtidas informações de três diferentes fontes e pelo menos duas delas mostram convergência, o pesquisador percebe que os resultados podem ser corroborados.

No presente estudo utilizou-se a triangulação das fontes de dados (triangulação dos dados), pois os dados foram coletados em diferentes fontes, tais como entrevistas abertas, documentos e observações diretas.

As entrevistas em profundidade visam explorar mais as razões em relação a certo tema. A realização de entrevistas em profundidade permite perguntar aos respondentes-chave sobre os fatos de um assunto, assim como suas opiniões sobre os eventos. Em algumas situações, pode até pedir ao entrevistado que proponha seus próprios *insights* sobre determinadas ocorrências e usar essas proposições como base para futura investigação (YIN, 2009). Logo, trata-se de uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevista em profundidade ou de pauta. No presente estudo obteve-se acesso aos sujeitos previamente para o agendamento das entrevistas, que foram realizadas individualmente junto a profissionais que estão ligados diretamente à direção, planejamento e organização da empresa estudada.

De acordo com Fraser e Gondim (2004), algumas das vantagens da entrevista referem-se ao fato dela favorecer a relação intersubjetiva entre o pesquisador e o entrevistado e, por meio de trocas verbais e não verbais, permitir uma maior compreensão da opinião de pessoas sobre situações e vivências pessoais. Outra vantagem se refere ao fato do entrevistado ter um papel ativo na construção da interpretação do entrevistador, já que o segundo concede ao primeiro a oportunidade de legitimá-la.

Quanto ao número de entrevistas necessárias em uma pesquisa, Fraser e Gondim (2004) defendem que “o que importa não são quantos foram entrevistados, mas se os entrevistados foram capazes de trazer conteúdos significativos para a compreensão do tema em questão”. Para saber se o número de entrevistas realizadas já é suficiente, pode-se adotar o conceito de “saturação teórica” (EISENHARDT, 1989). Ocorre quando o aprendizado incremental obtido com as novas entrevistas for mínimo, ou seja, quando as novas entrevistas não

mais agregarem nada de novo na pesquisa, é hora de parar (VOSS, TSIKRIKTSIS & FROHLICH, 2002).

O roteiro elaborado para a entrevista da pesquisa foi baseado na fundamentação teórica, de acordo com os objetivos propostos, visando coletar as percepções dos entrevistados que desempenham papéis importantes no ambiente da empresa. Foi utilizado o mesmo roteiro para os entrevistados, a fim de obter diferentes percepções sobre os pontos abordados. O roteiro utilizado para as entrevistas subdividiram-se em questões conforme apresentado no Apêndice.

Além das entrevistas, foram utilizadas outras fontes de evidências na coleta dos dados. A informação documental é relevante para todos os tópicos do estudo de caso. Este tipo de informação pode tomar várias formas e deve ser o objeto de planos explícitos de coleta de dados. Para a coleta foram considerados documentos tais como: correspondência eletrônica, propostas, relatórios, estudos formais, avaliações, anotações e outros registros internos. Para o estudo de caso, o uso dos documentos serve para corroborar e aumentar a evidência de outras fontes, proporcionar detalhes e poder fazer inferências a partir da análise destes documentos. Os registros em arquivos também são relevantes no presente estudo. Dentre alguns exemplos pode-se citar: mapas e gráficos das características de determinados locais, dados de levantamentos sobre territórios, potencial de mercado, área de influência de shopping centers e registros organizacionais como orçamentos, mapeamento da concorrência e expectativa de venda.

Como o presente estudo foi realizado no ambiente natural do “caso”, houve a oportunidade para observações diretas. Como os fenômenos de interesse não são puramente históricos, comportamentos relevantes e condições ambientais estavam disponíveis para observação. Essas observações servem como outra fonte disponível de evidência no estudo de caso.

Finalmente, a observação neste caso foi participante, proporcionando algumas oportunidades incomuns para a coleta de dados do estudo. A oportunidade mais importante está relacionada com a capacidade de obter acesso aos eventos ou grupos que, de outro modo, seriam inacessíveis ao caso. Outra oportunidade é a capacidade de captar a realidade do ponto de vista de alguém “interno” ao estudo. Esta perspectiva é valiosa na produção de um “retrato” preciso do fenômeno do estudo de caso.

O conteúdo fornecido pela pesquisa define a qualidade metodológica de um estudo, principalmente na capacidade de interpretação do pesquisador das informações obtidas e na apresentação das mesmas. Yin (2009) sugere seis tipos de estrutura para apresentação do relatório de pesquisa: Estruturas analíticas lineares, estruturas comparativas, estruturas cronológicas, estruturas de construção da teoria, estruturas de suspense e estruturas não sequenciais.

Conforme o quadro 2, as primeiras três estruturas são aplicáveis aos estudos de caso descritivos, exploratórios e explanatórios. A quarta é aplicável principalmente aos estudos de caso exploratórios e explanatórios, a quinta aos casos explanatórios e a sexta aos casos descritivos.

TIPO DE ESTRUTURA COMPOSICIONAL	FINALIDADE DO ESTUDO DE CASO (ÚNICO OU MÚLTIPLO)		
	EXPLANATÓRIA	DESCRITIVA	EXPLORATÓRIA
1. ANALÍTICA LINEAR	X	X	X
2. COMPARATIVA	X	X	X
3. CRONOLÓGICA	X	X	X
TIPO DE ESTRUTURA COMPOSICIONAL	FINALIDADE DO ESTUDO DE CASO (ÚNICO OU MÚLTIPLO)		
	EXPLANATÓRIA	DESCRITIVA	EXPLORATÓRIA
4. CONSTRUÇÃO DE TEORIA	X		X
5. DE "SUSPENSE"	X		
6. NÃO SEQUENCIAL		X	

Quadro 2 – Tipos de Estrutura Aplicáveis aos Estudos de Caso
Fonte: Elaborado a partir de Yin (2009, p.207)

Optou-se pela estrutura analítica linear, que é a abordagem padrão para a composição de relatório da pesquisa. A maioria dos artigos de periódicos, na ciência experimental, reflete este tipo de estrutura, assim como muitos estudos de caso. A estrutura é confortável para a maioria dos investigadores e é, provavelmente, a mais vantajosa quando o público principal do estudo de caso consiste em colegas de pesquisa ou de uma banca de tese ou dissertação. A estrutura é aplicável aos estudos de caso explanatórios, descritivos ou exploratórios.

3.4. Análise do conteúdo

Após apresentação da fundamentação teórica, coleta e tratamento dos dados, faz-se necessário uma reflexão sobre o modelo analítico dos dados adotado neste estudo de caso.

A análise de conteúdo tem sido muito utilizada na análise de comunicações nas ciências humanas e sociais. Minayo (2000) afirma ser um método mais comumente adotado no tratamento de dados de pesquisas qualitativas. Minayo (2000) aponta três finalidades para essa etapa: estabelecer compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e ampliar conhecimento sobre o assunto pesquisado.

Para alcançar as três finalidades propostas por Minayo (2000), optou-se pela técnica de análise do conteúdo, “cujo ponto de partida é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa ou documental, que expressa um significado e um sentido, articulado às condições contextuais apresentadas” (FRANCO, 2007).

Com base nesta mensagem, a análise de conteúdo implica comparações contextuais e indagações sobre causa e efeitos da mensagem, (FRANCO, 2007) como a realizada no presente estudo.

Desta forma entendemos a análise de conteúdo segundo Bauer:

Como uma técnica que permite a produção de inferências de um texto focal para seu contexto social de forma objetivada. Sendo uma interpretação, não pode ser julgada de forma absoluta como uma leitura “verdadeira”, ou como única forma de leitura do texto. Deve ser julgada sim, em termos de congruência com a teoria do pesquisador em relação ao seu objeto de pesquisa. Desta forma, o resultado de uma análise de conteúdo é a problemática a ser explicada. (BAUER, 2004, p. 189).

Nesta perspectiva compreende-se a análise de conteúdo como uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, ou seja, tudo que é dito ou escrito está suscetível à análise de conteúdo, a mensagem seja ela oral ou escrita, gestual ou silenciosa expressa um significado.

O aprendizado real acerca do processo de análise e interpretação é reconhecido como algo que provavelmente só ocorrerá com a conclusão do trabalho (MERRIAM, 1998).

Minayo (2000) acredita que a grande importância da análise de conteúdo consiste, justamente, em sua tentativa de impor um corte entre as intuições e as hipóteses que encaminham para interpretações mais definitivas, sem, contudo, se afastar das exigências atribuídas a um trabalho científico.

Nesta pesquisa, seguindo a técnica de análise de conteúdo, o estudo passou por três grandes etapas: a pré-análise ou fase de organização, a pesquisa bibliográfica e a exploração do material, onde os dados são apurados a partir das unidades de registro, ou seja, a fase das entrevistas, tratamento dos resultados e interpretação. Esta classificação dos elementos é realizada segundo suas semelhanças e diferenciações (BAUER, 2004).

O procedimento adotado para analisar o conteúdo dos dados coletados no presente estudo, foi dividido em cinco etapas de acordo com o proposto por Mayring (2000, 2004), que desenvolveu um procedimento para uma análise qualitativa de conteúdo, o qual inclui um modelo processual de análise do texto e diversas técnicas para a aplicação deste modelo.

A primeira etapa consistiu na definição do material e seleção das entrevistas, ou parte delas que fossem relevantes na solução da questão de pesquisa. Na segunda etapa, foi analisada a situação da coleta de dados, como foi elaborado o material, quem participou do processo, quem esteve presente nas entrevistas e qual a origem dos documentos analisados.

Na terceira etapa, foi feita uma caracterização formal do material (o material foi documentado por meio de anotações e gravação das entrevistas, a partir de um roteiro entregue aos respondentes), sem a influência na transcrição do texto editado.

Na quarta etapa, foram selecionados partes das entrevistas e o que de fato fosse possível interpretar a partir delas. Na quinta e última etapa, as questões da pesquisa foram ainda mais evidenciadas, com base nas teorias apresentadas no capítulo 2. Para Mayring é importante, nesse contexto, que a “a questão de pesquisa da análise seja previamente definida com clareza, devendo estar teoricamente associada à pesquisa anterior quanto ao assunto e ser, geralmente, diferenciada, em subquestões” (MAYRING, 1983).

O procedimento metodológico concreto foi realizado de acordo com a tipologia de Miles e Huberman (1994), que oferecem modelos sistemáticos de análise de dados, definindo etapas a serem seguidas nesse processo.

Assim, Miles e Huberman (1994) identificam três grandes etapas e que foram adotadas na análise de conteúdo das entrevistas. Primeiro a redução, que se refere ao processo de seleção, focalização, simplificação, abstração e transformação dos dados obtidos. O que se pretende com esse procedimento é que o grande acúmulo de dados brutos seja reduzido ao essencial para proporcionar sua análise e interpretação. Trata-se, a rigor, de um processo que ocorre continuamente ao longo do processo de pesquisa, mas que se enfatiza após a coleta completa dos dados.

Segundo, a exibição consistiu na organização dos dados selecionados de forma a possibilitar a análise sistemática das semelhanças e diferenças e seu inter-relacionamento. Por fim, na conclusão e verificação, identificou-se o significado dos dados, suas regularidades, padrões e explicações.

Como na pesquisa foi adotada uma lógica analítica coerente com os princípios positivistas, os conceitos puderam ser concebidos como variáveis. Como as variáveis nada mais são que os aspectos discerníveis de um objeto de estudo, que, podem ser dados por quantidade, qualidade, característica, magnitude ou traço (GALTUNG, 1967), o processo de identificação de variáveis e conceitos relevantes tornou-se bastante simplificado.

Esta técnica prevaleceu para que o processo de análise fosse mais claro, menos ambíguo e mais fácil de controlar do que outros métodos de análise de dados. Isso ocorre também devido à possível redução do material anteriormente delineado. A abordagem ajusta-se principalmente a uma análise redutiva de grandes volumes de dados coletados nas entrevistas.

Como em qualquer pesquisa qualitativa, a definição das etapas e sua sequência dependem da abordagem adotada e também da natureza dos dados encontrados. Por essa razão é que Creswell (2010) trata da “espiral de análise de dados” e recomenda aos pesquisadores que, em lugar de uma abordagem linear, adotem o processo de movimento em círculos, que implica constantes idas e vindas.

3.5. Limitações do método

A despeito de inúmeras vantagens, o estudo de caso apresenta limitação. De modo geral, os instrumentos utilizados para a coleta de dados não são padronizados, tornando-se difícil sua replicação. Os estudos de caso exigem a participação do pesquisador em todas as etapas do processo, planejamento, análise e interpretação dos dados.

A mais grave limitação é a dificuldade de generalização dos resultados obtidos. Pode ocorrer que a unidade escolhida para investigação seja bastante atípica em relação às muitas da sua espécie. Naturalmente, os resultados da pesquisa podem se tornar equivocados. Por essa razão, cabe lembrar que, embora o estudo de caso se processe de forma relativamente simples, exige do pesquisador muita atenção e cuidado, principalmente porque ele está profundamente envolvido na investigação.

Sendo assim, os argumentos mais comuns dos críticos dos estudos de caso estão no risco de o investigador apresentar uma falsa certeza das suas conclusões e fiar-se demais em falsas evidências. Em decorrência disso, deixar de verificar a fidedignidade dos dados, da categorização e da análise realizada. A recomendação para eliminar o viés de estudo é elaborar um plano de estudo de caso que previna prováveis equívocos subjetivos.

Há ainda outro equívoco relativo à aplicação dos estudos de caso que deve ser mencionado. Trata-se do entendimento de que, por utilizar uma ou poucas unidades, representa uma pesquisa muito fácil de ser realizada Gil (2009). Essa afirmação simplifica o nível de complexidade envolvido nessa modalidade de pesquisa e o rigor científico necessário ao seu planejamento, análise e interpretação.

Há também certas limitações inerentes à análise de conteúdo, as quais são apontadas por diferentes autores. Uma das críticas mais fortes e recorrentes à análise de conteúdo é o fato de carregar um ideário de metodologia quantitativa. Nesse sentido, a categorização própria do método, um tanto esquemática, pode obscurecer a visão dos conteúdos, impedindo o alcance de aspectos mais profundos do texto (FLICK, 2009).

Flick (2009) destaca que muitas vezes falta profundidade nas análises, “utilizadas não apenas para explicar o texto básico, mas também para substituí-lo – sobretudo na síntese da análise de conteúdo”. Thompson (1995) chama atenção para o fato de o pesquisador não ser neutro, referindo-se ao “mito do receptor passivo”.

A inferência do pesquisador, a qual se faz necessária, não é totalmente neutra; no entanto ele deve procurar interferir minimamente de maneira pessoal. Isso não quer dizer ser acrítico ou não fazer inferências, aspectos que uma análise de conteúdo em pesquisas qualitativas exige. Nesse sentido, em virtude de a análise de conteúdo exigir inferência do pesquisador em suas diferentes fases, a neutralidade pode ser considerada uma limitação.

Por fim, a análise de conteúdo possibilita a utilização de diferentes estratégias de análise no seu desenvolvimento metodológico; mas, ao mesmo tempo, sinaliza os seus limites e falácias subjacentes. Dessa forma, a busca por critérios de validade e confiabilidade constitui-se num caminho para a superação das limitações, inerentes ou não à própria técnica.